

## **TERRELL - uma prisão do corredor da morte no TEXAS**

Você sabe como esta prisão foi construída? Vou começar contando isso a você.

O estado do Texas queria pôr todos os seus ovos podres em uma só cesta, onde eles poderiam ficar de olho na gente sem gastar muito dos preciosos dólares dos contribuintes. Os malditos políticos mentem o tempo todo. Eles querem se reeleger, então dizem a você que são durões com o crime.

Está pronto para ouvir a história do sistema da Justiça Criminal do Texas sob a óptica de David Heinz, um prisioneiro condenado à pena de morte?

Então, nesta cidade caipira do Texas chamada LIVINGSTON eles construíram TERRELL. Eles cavaram um buraco de cerca de noventa metros de profundidade e uns três quarteirões de largura. Despejaram três metros de concreto para fazer as paredes. Jogaram mais concreto para fazer os andares, eles têm quase dois metros de espessura. Quando acabaram, tinham cinco unidades separadas, chamadas de alas. Há dois andares em cada ala e cinquenta celas em cada andar. Todas as unidades são conectadas por túneis ao centro de comando, repleto de monitores de IV e travas eletrônicas. É aqui que os caipiras estúpidos e gordos de LIVINGSTON controlam nossas vidas. Quando acabaram, cobriram sua nova prisão com a terra que tinham tirado do chão.

É aqui onde eu e mais de quatrocentos homens no corredor da morte vivemos. Já estamos em túmulos sob a terra. Acho que eles estão querendo ajudar a gente a se acostumar com a morte. Tudo que precisamos é de um caixão para repousar.

Agora, deixe-me contar a você sobre minha cela: é uma gaiola de concreto. Qual o tamanho do seu banheiro? Aposto que tem dois metros por três. Imagine viver no seu banheiro vinte e três horas por dia, comendo perto da privada, sem televisão ou rádio para passar o tempo. Você não tem nada para ler, exceto a Bíblia e algumas revistas velhas que um idiota enfia por baixo da porta de vez em quando. Sua comida passa por uma abertura na porta do banheiro e, claro, você come qualquer que seja a merda que eles te dão.

Você não tem opção. E não se esqueça: você está a uns sessenta metros debaixo da terra. Você nunca vê a luz do sol.

Uma vez por dia, por uma hora, alguém leva você, algemado e acorrentado, para uma outra sala para se exercitar. Normalmente, há dois ou três prisioneiros ali, então você pode conversar um pouco. Depois, de volta à tumba de concreto, para passar as vinte e três horas que sobraram do dia. Ah, eu esqueci: três vezes por semana você tem dez minutos de chuveiro.

Esses são os melhores momentos da minha nova vida no corredor da morte.

Seu banheiro é provavelmente mais confortável que minha cela. O teto, o chão e as paredes são de concreto sem acabamento ou pintura. Cinza, cinza e cinza, é tudo que eu vejo. Eu tenho uma pia de aço inoxidável e uma privada, e eu durmo

sobre, pode adivinhar, um fino colchão acomodado sobre uma laje de concreto. Quem sabe, talvez meu caixão seja mais confortável.

Se eu recebo uma visita é assim: Eles te levam, algemado e acorrentado, para uma pequena cabine. Uma grossa lâmina de vidro blindado vai nos separar e nós vamos falar por telefone. É quase como um zoológico, a não ser pelo fato de que eu sou o animal e você é o visitante.

Fico pensando no que aconteceria se um grupo de defesa dos direitos dos animais descobrisse que o governo estava enjaulando animais a noventa metros embaixo da terra, sem contato com nada, em uma sala menor que um canil por vinte e três horas por dia? Não acha que haveria algumas petições e manifestações em defesa dos pobres animais? Bom, por que não existe nenhum protesto para a gente, os homens do corredor da morte? Acho que é porque não somos mais homens ou, pelo jeito, nem mesmo animais.

Quando cheguei aqui foi terrível. Eu estava assustado quando o ônibus parou na entrada. Não deixe essas portas enormes enganarem você: tudo fica menor e menor quanto mais você adentra esse monstro. Eu não acho que vou esquecer aquele dia por todo o tempo que ainda estiver vivo.

Era um dia típico do Texas. O sol estava diretamente nas nossas cabeças. Eu o senti queimando meu rosto. E não sabia que, uma vez que eu entrasse naquelas portas de aço, eu nunca mais veria o sol e nunca o sentiria queimando meu rosto novamente. Desci e desci, primeiro na unidade de vestuário, onde eles me deram dois pares de cuecas e um macacão branco.

Depois desci para o hall estreito do controle central. Ali não há celas, apenas uma área larga e espaçosa com uma sala de controle cercada por vidro a prova de balas.

Dois guardas me levaram à ala H, os corredores ficando mais estreitos agora. É impressionante. Acorrentado, mãos algemadas, eles me levam ao segundo andar, cela HU245. Sou empurrado para dentro e imediatamente ouço o som das travas de ar comprimido quando a grossa porta de aço se fecha em frente de mim. Há um clique eletrônico e metálico, e os guardas me dizem para pôr minhas mãos através de uma pequena abertura na frente da porta.

Eles tiram minhas algemas. Ponho meus pés para fora e eles tiram as correntes. Estou sozinho na estreita tumba de concreto. Num instante, percebi que esse seria meu lar pelo resto de minha vida. Cinco minutos atrás eu sentia o sol quente do Texas no meu rosto. Agora, estou sentado a um metro de uma privada, num fino colchão largado sobre uma laje de concreto. Eu me lembro de sentar na minha cama, olhar para a privada e chorar.

A rotina diária do corredor da morte era estruturada para limitar qualquer tipo de escolha.

Se é assustador viver aqui? Depende.

Saber que está cercado de homens muito perigosos, que matariam você por nada, não é a parte que assusta. Primeiro, porque nós temos muito pouco contato uns com os outros, e segundo porque só existem uns poucos deste tipo aqui.

Você ficaria chocado ao ver o quão normal a maioria desses homens é.

Se é assustador saber que eu vou morrer? Com certeza.

Ninguém quer morrer, mas, se eu estivesse vivendo em um mundo livre, eu morreria algum dia. Todo mundo está no corredor da morte tão logo nasce.

Eu penso na sala onde a maca espera que eu me deite.

Eu sei que, quando minha vez estiver próxima, aquela sala vai ficar constantemente nos meus pensamentos.

No entanto, morrer não é a parte que me assusta. Eu vou lhe contar qual é.

É assistir a si mesmo jogado como lixo numa cela quase do tamanho de um banheiro. É estar trancado vinte e três horas por dia com nada para fazer e ninguém para conversar.

A parte assustadora é saber que eu nunca vou sair desta tumba de concreto. É meu lar, onde eu como, durmo e defeco pelo que ainda resta da minha vida. O tédio me deixa maluco. Tem vezes que eu desejo a "estaca".

Mas a parte realmente assustadora é saber que pessoas do lado de fora acham que isto está certo.

Cara, isso é assustador.

Essa é a rotina angustiante do meu mundo...

Três da madrugada. Café da manhã. Luzes acesas, o dia começa. Uma bandeja de plástico é enfiada através de uma pequena abertura na parte debaixo da porta dupla de aço. Comemos ao lado da cama, a um metro da privada.

Cinco da manhã. Guardas recolhem a bandeja do café da manhã e a correspondência. Quem não tem ninguém para quem escrever, a única coisa que põe para fora é a bandeja do desjejum.

Seis da manhã. Troca da guarda. Este turno começa com todas as luzes acesas exigindo de cada prisioneiro seu nome e número.

Sete da manhã. Uma hora de recreação. O prisioneiro é levado, algemado e acorrentado, para uma outra sala de concreto sem janelas. Esta é um pouco maior que sua cela e tem uma cesta de basquete. Algumas vezes, existem dois ou três outros prisioneiros lá. A menos que ele tenha um visitante, esta é a única hora do dia que o preso deixa sua cela.

Dez da manhã. Almoço.

Onze da manhã. A bandeja do almoço é recolhida.

Meio-dia. Chuveiro, dia sim, dia não. Dez minutos algemado sob o chuveiro.

Uma e meia da tarde. Mesmos guardas, mesmo turno. Todas as luzes são acesas novamente, nomes e números dos presos são checados.

Duas da tarde. Mudança de turno, novos guardas, todas as luzes acesas e nomes e números checados de novo.

Quatro da tarde. Jantar.

Cinco e meia da tarde. Bandejas do jantar são recolhidas.

Sete da noite. Guardas fazem a ronda, desta vez com uma equipe de limpeza, varrendo e esfregando os corredores do lado de fora das celas.

Oito e meia da noite. Distribuição de correspondência.

Nove e meia da noite. Guardas acendem todas as luzes, checam nomes e números novamente.

Dez da noite. Troca de turno, guardas acendem todas as luzes e acordam quem estiver dormindo para checar nomes e números de novo.

Onze e meia da noite. Guardas fazem a ronda, de novo com faxineiros varrendo os corredores.

Meia-noite. Os guardas, três vezes por semana, recolhem e trocam cuecas e meias.

Três da madrugada. Um novo dia começa, outra vez.

Dia após dia, hora após hora, a monotonia torturante nunca muda. Mesmo nos dias de execução, que têm se tornado mais frequentes, a rotina nunca varia.

Você quer saber como é que é a execução?

- Quando a equipe termina de apertar as correias, apenas um reverendo, padre ou pastor e o diretor podemos ficar na câmara.

A equipe que aperta as correias é feito por cinco homens. O diretor procura fazer com que o processo seja o mais rápido e impessoal possível. A equipe que aperta as correias anda com o prisioneiro desde a sua cela da vigia - está a menos de cem passos da câmara. O prisioneiro não está algemado ou acorrentado durante essa caminhada. É dopado antes de sair da vigia. Eles não querem que a gente faça um escândalo. Mas nós sabemos que vamos morrer.

O chefe da equipe dá as ordens para o prisioneiro deitar na maca. Então, a equipe faz seu trabalho. Eles foram treinados para serem rápidos, eficientes e profissionais.

Cinco guardas tomam seus lugares: um guarda na perna direita, outro na perna esquerda. Braço direito, um guarda. Braço esquerdo, outro guarda. No corpo, um guarda. Cinco partes, cinco guardas. Rapidamente e sem emoção, eles apertam os cintos de couro em volta do corpo do condenado. Eles terminam em menos de quarenta segundos.

Quando a equipe termina, eles saem. Só o religioso e o diretor ficam. Um paramédico, que fica em pé em um dos cantos, aproxima-se da maca e aplica a agulha, que os prisioneiros chamam de estaca, na veia do condenado.

Às vezes têm dificuldade para achar a veia. O corpo humano tem uma capacidade incrível de se proteger. Às vezes as veias se encolhem.

Nem médicos nem enfermeiras são envolvidos nas injeções. Eles não querem ter nada com aquilo porque o procedimento é contra a ética médica.

Depois que a agulha está na veia, está pronto para prosseguir. As cortinas são abertas, assim as testemunhas podem ver dentro da câmara.

Atrás do vidro blindado à prova de balas, as testemunhas são divididas em três grupos: imprensa, parentes das vítimas e aqueles que são convidados pelo condenado. Nenhum grupo tem qualquer contato com o outro durante o procedimento.

Há microfone suspenso sobre a cabeça do homem que está para morrer. Está lá para que ele possa dizer suas últimas palavras. Normalmente o preso pede desculpas à família da vítima e à sua própria família, se algum deles está lá. Ele pede perdão a Deus ou a Jesus.

Um diretor riu ao lembrar-se de um condenado que, depois que o time de futebol DALLAS COWBOYS ganhou um jogo espetacular de virada, fez sua declaração final e adicionou:

- Ah, sim, diretor. Quase esqueci: que coisa aqueles Cowboys.

Chegou a hora de administrar as injeções letais. É feito por uma máquina, que fica numa sala separada da câmara. A um sinal preestabelecido, o paramédico aperta o botão iniciando a primeira de uma seqüência de três injeções.

Não importa o quão amargo ou revoltado o prisioneiro é. Eles sempre agradecem ao religioso.

Então a máquina começa a trabalhar injetando quinze centímetros cúbicos de pentotal. É um anestésico. Basicamente, ele põe o prisioneiro para dormir, assim ele não pode sentir nada.

Um minuto depois, a máquina bombeia quinze centímetros cúbicos de pancorium bromide. Essa droga é um preparado de curare: ela paralisa os pulmões e eles entram em choque. O preso não pode respirar. Mas não se esqueça: o condenado está apagado pelo pentotal. Ele não sente nada.

Depois de mais um minuto, a máquina põe quinze centímetros cúbicos de cloreto de potássio nos tubos. Essa droga pára o coração. Está acabado.

Limpo, profissional e impessoal. Desde o momento em que o prisioneiro sobe na maca, até que o legista o declare morto, todo processo leva vinte minutos.

Perguntado a um religioso, quantas execuções ele havia visto.

Exatamente 156. Até o fim deste ano, vou estar perto de 175. (Isso em 2003).

Albert Einstein escreveu:

Um ser humano é parte de um todo chamado por nós de "Universo". Ele vive sua vida, seus pensamentos e sentimentos com uma parte limitada e separada do resto - uma espécie de ilusão de óptica de sua consciência.

Essa ilusão é um tipo de prisão para nós, limitando-nos aos nossos desejos pessoais e afeições por pessoas próximas de nós.

Nossa missão deve ser a de nos libertarmos desta prisão ampliando nosso círculo de amorosidade para abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza em seu esplendor.

Comece hoje a desmanchar quaisquer que sejam as prisões construídas por você mesmo. E reze para que todos nós desmanchemos as que construímos e que nos separam uns dos outros.